

O consumo como processo de alienação do mundo moderno

Pedro Rhavel Teixeira*

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de Alienação do mundo formulado por Hannah Arendt em *A Condição Humana*. Para isto, será necessário demonstrar como o consumo implica necessariamente um processo. Em seguida, será demonstrado como o consumo se relaciona com um outro processo, a saber, o de alienação do mundo.

Palavras-chave: Consumismo. Alienação. Hannah Arendt. Mundo.

Consumption as process of alienation from the modern world

Abstract:

This essay aims to present the concept of Alienation from the world formulated by Hannah Arendt in *The Human Condition*. For this, it will be necessary formulating how consumption implies necessarily a process. Next, describe how consumption relates to another process, called world alienation.

Keywords: Consumerism. Alienation. Hannah Arendt. World.

1. Apresentação

O consumo constitui um dos processos da atividade do Labor, sendo um de seus estágios, mais precisamente o que ocorre na etapa seguinte ao trabalho. Labor é definido como uma das três atividades que compõe a *vita activa* segundo Hannah Arendt, ela é

* PPGF-UFRJ. Bacharel em Filosofia pela UFRJ, mestrando em filosofia no Programa de Pós-graduação em filosofia (PPGF) e bolsista da CAPES. contato: prhavel@gmail.com

responsável pela manutenção da vida, é o trabalho incessante que temos de realizar diariamente até a morte. Tendo em vista que o consumo é um dos processos que compõe tal atividade, nos resta indagar neste breve ensaio, no que ele pode corroborar o processo de alienação do mundo. Para isso, é preciso identificar o que a pensadora política entende por mundo moderno e como esse conceito surge em sua obra. Assim serão enunciadas as diversas formas de alienação do mundo propostas pela autora, a saber, no indivíduo, no espaço e na ciência, para em seguida explicar a relação entre consumismo e alienação.

2. Desenvolvimento e problemática

O mundo moderno, segundo Arendt, é um ambiente forjado pelo artifício humano. Desde que os homens passaram a dominar, em certa medida, a natureza eles conseguiram tirar dela o material necessário para fabricação de suas obras. Tais obras dão a estabilidade necessária para a instável e mortal criatura humana que é o homem¹⁷². Para Locke, as obras eram capazes de estabelecer a propriedade, para Smith elas eram o símbolo do valor para a sustentação do mercado de trocas e em Marx a Obra aparece como testemunho da produtividade. Os homens [re]criam o mundo através de suas invenções, e a durabilidade de suas fabricações é um extrato da própria natureza.

O *homo faber* edifica o mundo com suas invenções. Dominando o ciclo da natureza, ele consegue a partir da extração violenta de matéria prima, criar uma infinidade de ferramentas e coisas que dão estabilidade ao mundo e permitem a vida humana em suas condições atuais. Sua forma de agir e de ser, por assim dizer, é utilitarista, seu

¹⁷² ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p.169.

pensamento sempre está determinado pela obra final do processo de fabricação. É a partir da categoria de meios e fins que ele experimenta o mundo. A experiência carrega em si uma forma de relação nefasta onde tudo passa ser o meio para um determinado fim, e é esse aspecto teleológico que Arendt tanto quer criticar.

O homem tenta imortalizar-se através de seus objetos, suas obras. O que ocorre é que frequentemente elas são alienáveis do sujeito que as cria, quando não são parte de um conjunto de força produtiva, não possuindo um autor relevante. Dentre as obras criadas a única que escapa a essa categoria de meios e fins, e contribuem para edificação do mundo, é obra de arte. Por ser tão alheia a qualquer utilidade ela perdura através das gerações e emancipou-se do pensamento religioso e das categorias mágicas pelas quais era realizada em suas primeiras manifestações nas sociedades ditas primitivas ou pré-humanas.

O mundo é efetivamente um dado da natureza. Ele possui a característica cíclica do ser-para-sempre conferido em sua própria construção, seja por um criador ou por desdobramento de eventos cósmicos. A sua primeira causa não é a questão, mas sim a forma como os homens se inserem neste dado. A afirmação possível é que se inserem pela violência, modificando a natureza dada à sua vontade, refletindo em suas obras marcas de cada período histórico vivido, refletindo assim a prioridade de cada sociedade no seu desenvolvimento cultural.

Tomemos como exemplo a *pólis* grega. Sua construção era um marco distintivo entre cidade e natureza; entre o humano e o não humano. Ela era projetada com o intuito de promover tal distinção para assim assegurar um espaço de vivência entre os homens. A ágora era o âmbito para a Ação. Ao contrário das modernas construções que tendem a aglutinar a ideia de natureza e cidade, sendo que são, em alguma medida, inconciliáveis. A distinção entre cidade e natureza é mascarada nas construções modernas numa tentativa de naturalizar aquilo que de forma alguma é dado e inato, mas sim edificado de

acordo com um determinado fim. No momento em que são iniciados processos naturais pelo homem, amplia-se o seu poder sobre a natureza introduzindo-a no mundo humano, diminuindo as fronteiras entre o humano e a natureza. As cidades medievais e antigas separavam-se com muros da natureza, enquanto a arquitetura moderna e contemporânea tende a apaisagizar tudo¹⁷³.

Esse mundo construído serve como um local de morada para a mortal criatura humana. Contribuindo para estabilizar sua eminente instabilidade e perecibilidade. É nesse mundo construído que ocorrem as relações humanas e é somente na medida em que se convive num espaço entre os outros que se faz necessário a atividade política. Não foi à toa que Aristóteles a elevou como a ciência que determina e regula todas as demais [Ética a Nicômaco 1094a.] É inserida nessa preocupação com a atividade política que Hannah Arendt elabora o seu conceito de mundo moderno. Nessa compreensão é que se afirma que ocorre uma alienação do mundo que significa de fato uma alienação da atividade política, uma vez que se abstém do domínio público deixando assim de participar deste espaço entre os homens.

Por política Hannah Arendt não se refere a nenhuma forma de governo, jogos de poder ou mesmo a política como profissão. Ela se refere a um exercício de uma atividade cuja imprevisibilidade é sua marca distinta, diz respeito a pluralidade entre os homens¹⁷⁴. É nessa pluralidade que a Ação pode ocorrer, antecedendo qualquer projeto de governo ou poder. A pensadora judia-alemã pensa a política a partir dos gregos. Política é uma Ação, que instaura um novo começo cujo fim não é pré-determinado. Não obstante, Hannah utiliza de um vocabulário religioso em contraste com todos os pensadores que tentavam fazer da política uma ciência, aqui entendida como processo cujo fim almejado é pré-concebido e determinado. Milagre e nascimento aparecem como metáfora para explicar a Ação na obra da autora e a liberdade é o sentido da política. Nesse contexto a liberdade

¹⁷³ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013. p.92.

¹⁷⁴ ARENDT, Hannah. *O que é política?*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p.21.

ocorre, ela não é um dado, mas algo que acontece nesse espaço entre os homens. Este é talvez o tema mais abrangente na obra de Hannah Arendt e expô-lo totalmente demandaria um trabalho exclusivo e que não é nosso objetivo nem mesmo parcial.

É digno de nota que a visão de Arendt sobre a antiguidade é uma visão idealizada pela própria natureza e importância que as fontes literárias tem em seu pensamento, um dado contra a opinião de que Arendt foi uma pensadora saudosista. Não importa para a autora a veracidade dos fatos ou a existência de provas documentais sobre as narrativas apresentadas como exemplos. O que importa é que, de alguma forma, os gregos se imortalizaram através de feitos e palavras e suas Ações foram grandiosas e gloriosas ao ponto de gerar uma narrativa que foi passada adiante pelo discurso com auxílio da memória. Por que a caracterização da Ação é importante nesse contexto? Devido a sua imprevisibilidade. Ao contrário do ciclo latente imposto pelo Labor de nosso corpo e a cadeia de meios e fins imposta na fabricação da Obra a Ação instaura uma [nova] cadeia de causalidades totalmente imprevisível.

Contra a imprevisibilidade da Ação prevaleceram os valores determinados do *homo faber* e a condição repetitiva evidente do *animal laborans* na modernidade. O espaço para Ação ficou restrito à ciência natural, onde o homem além de ser um mero expectador diante de um fenômeno passava por criador. O homem passa a deter uma espécie de poder nunca visto antes, o de iniciar processos na natureza. Tal fato, aliado a inerente desconfiança dos sentidos proposta por Descartes, alienou os homens do seu espaço plural. Agir deixa de ser uma atividade política no sentido arendtiano e passa a ser uma atividade restrita à ciência. Até mesmo o que poderia ser considerado político almeja um fim pré-determinado. Esse fim, que aparece claramente, em Marx é a abolição de classes. O movimento surge a partir da noção marxista de história que determina que é possível fabricar a mesma¹⁷⁵.

¹⁷⁵ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013. p.115.

Feitos e palavras deixam de ser gloriosos por si mesmos, a tarefa do historiógrafo deixa de ser a de desvelamento dos tais feitos. Há neste momento uma forma de fabricar história. Nada poderia ser pior, pois agora é possível prever a história, fabricá-la e conhecê-la uma vez que ela foi feita por mãos humanas, por assim dizer. Isso obviamente se dá em contextos específicos onde a sociedade segue uma espécie de padrão e cada movimento e período podem ser analisados de modo a prever o próximo. Esta é a velha idéia de que o estudo da história serviria como forma de prever o futuro, seria portanto, neste caso, uma das etapas de um ciclo sem fim.

A atividade política deixa de fazer sentido, ou melhor, não é mais possível concebê-la em termos de liberdade que é, ou deveria ser, o seu significado mais relevante. A perda desse espaço público é uma das ocorrências identificadas por Arendt e que a atormentam movendo-a ao pensamento. Espera-se que a ideia marxista de que a história se repete como tragédia esteja errada, de outro modo estamos no limite de uma grave crise onde os assuntos humanos nunca foram tão abandonados. É como se a atividade política formulasse a seguinte pergunta nas sociedades contemporâneas: "do que me serve?". A medida de todas as coisas passa a ser como nos versos de Anne Sexton: "*Like carpenters they want to know which tools./They never ask why build.*" Não sem razão o título do poema é *Wanting to Die*. Aqui a morte é entendida como um triste fim, a completa ruína de uma civilização cujo modo de existência passa a ser pensado não em termos de liberdade, mas em termos de sobrevivência.

O ideal do *homo faber* se confunde com o do *animal laborans* na modernidade. Uma vez que as coisas deixam de ser fabricadas em termos de durabilidade e são fabricadas para consumo e prazer¹⁷⁶. A impossibilidade da própria natureza das obras de serem consumidas já é um problema por si só, mas não é essa problemática específica que aterroriza Arendt. O modo de relação que prevalece com as obras que foram antes

¹⁷⁶ WAGNER, Eugênia Sales. *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p.103.

constituídas a fim de dar estabilidade ao mundo agora são vistas pela ótica do Labor. O que isto significa? Que a Obra passa a ser produzida em termos de Labor. Não mais como um fim cujo significado é um "para quê", mas sim em "nome de quê". O sentido passa a ser dado pela subjetividade do uso e não pela sua própria utilidade inata.

Esta verdadeira reviravolta na hierarquia tradicional das atividades da *vita activa* teve como consequência a perda do senso comum. O âmbito de Ação deixa de ser o público e passa a ser a ciência ou a fabricação. Estas aparecem como formas teleológicas de agir e desencadear processos, e a já colocada imprevisibilidade da Ação causa um verdadeiro temor ao ponto de ser abandonada da esfera dos assuntos humanos. Na modernidade, possivelmente com Descartes e a subjetividade de sua filosofia, surge a ideia de que só é possível conhecer aquilo que é criado pelo próprio homem. O evento corrobora a crescente valorização do *homo faber*, já que ele passa a ser um desencadeador de processos, o cientista por excelência, que fabrica o próprio conhecimento. A própria atividade de conhecer deixa de ser uma mera contemplação e passa a ser também fabricação.

Hannah Arendt parece ter essa concepção de conhecimento fabricado quando aponta que a vitória dos ideais do *homo faber* na modernidade se deram dentro desse dinâmica de produção de um experimento científico¹⁷⁷. Aqui a autora demonstra como a experiência feita por Galileu sobre a queda dos corpos pesados poderia ter sido realizada em qualquer momento da história desde que os homens estivessem inclinados a procurar a verdade mediante experimentação. Essa concepção do conhecimento como experimento traz à tona a ideia já exposta de que o homem só é capaz de conhecer aquilo que ele mesmo produz. Neste ponto o homem é realmente capaz de produzir os objetos da natureza. Na modernidade a ciência olha para a natureza com olhos de um criador, do ponto de vista daquele que a faz e não de um mero espectador passivo.

¹⁷⁷ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p.369.

O cientista passa a criar não para conhecer, mas sim para desencadear um processo. É como se o meio fosse mais importante que o fim, que o produto acabado. Neste caso o meio é o próprio experimento. Todo esse breve esboço tem como fim explorar a ideia de processo tão cara à modernidade. Pois visto que o consumo não é mais que um processo, é possível entender como o seu desencadeamento em uma sociedade de consumidores se deu e no que ele contribui para a alienação do mundo.

O moderno processo de alienação do mundo possui ligação íntima com a sociedade de massas. Arendt elabora o conceito de massa da seguinte forma: o termo se aplica quando se lida com grupos de pessoas que se abstêm da participação e organização política, seja pelo seu grande número ou pela indiferença, ou mesmo uma combinação entre os dois fatores¹⁷⁸. Não é contraditório ao pensamento elaborar a relação entre massas e alienação, uma vez que ambos são casos de abdicação de algo em detrimento de outro. Os dois conceitos combinam neste trabalho uma vez que se estabelece que o consumismo é uma amálgama tanto da sociedade de massas quanto do processo de alienação do mundo. Um fenômeno corrobora o outro de modo a não ser possível distinguir se há uma relação de causa e efeito entre eles.

As massas seriam esse corpo da sociedade que se abstém da atividade política por motivos diversos. A sociedade de consumo parece ser apenas um dos desdobramentos desse fenômeno sendo um dos seus alicerces. Esta ideia é tão antiga quanto a política *panem et circenses* do antigo Império Romano. Já há mais de dois mil anos a relação entre consumo e entretenimento já era posta e a partir dela surge uma forma de manipulação. É claro que o evento se deu em outro contexto, muito diferente do da modernidade e das sociedades contemporâneas ou pós-modernas, mesmo assim é possível resgatá-lo como carregando ainda algum sentido ou mesmo uma chave de compreensão para a atualidade.

¹⁷⁸ ARENDT, Hannah. *The Origins of totalitarianism*. Nova Iorque: Harcourt Brace & Company, 1979. p.311.

A fórmula moderna de alienação e massificação se dá com a abolição do caráter doloroso do Labor unido ao prazer efêmero, porém verdadeiro, causado pelo ato de consumir. A abundância provocada pela Revolução Industrial serviu para contribuir na transformação do modo de relação estipulado até então com os objetos de uso. Se está diante de um fenômeno nunca visto: a completa abolição da categoria de uso pela de consumo¹⁷⁹. O advento do capitalismo como modelo econômico e sua ética implícita de enriquecimento também auxiliaram o processo ou talvez tenha sido apenas um desdobramento da mudança na maneira de se relacionar com os objetos. Tal fato parece contraditório quando se pensa nas ideias de Weber em sua *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Uma vez que a ascese era um ideal inteiramente cristão, o ideal protestante diferia do católico pelo fato de não negar a riqueza, ou seja, a acumulação de bens, como um pecado, mas sim como um presente devido a boa conduta do fiel. A questão era que a riqueza ainda não era concebida como circulação de capital, mas sim acúmulo, sendo o uso dos bens adquiridos restritos. É a velha imagem do homem rico sovino que guarda todo o dinheiro fruto de seu trabalho embaixo do colchão. A reviravolta só se deu quando chegou-se a conclusão de que este modelo de riqueza era inconcebível para o desenvolvimento econômico e era preciso estimular um modelo cíclico. Daí surge a sociedade de consumo, que nada mais é que uma sociedade de fabricantes, mas que consomem suas próprias obras tal qual o *animal laborans* se alimenta dos objetos de consumo por ele adquiridos. O consumo, que em Rosa Luxemburgo e Simone Weil era visto como um mal necessário, passa a ser um importante alicerce do modelo econômico capitalista¹⁸⁰.

É neste movimento cíclico que o consumismo se instaura. Atrelado ao próprio modelo econômico, ele tende à expansão infinita e de fato ela ocorreria sem interferências não fosse a própria limitação do mundo. Uma vez que o próprio artifício humano se

¹⁷⁹ WAGNER, Eugênia Sales. *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p.160.

¹⁸⁰ WEIL, Simone. *Opressão e Liberdade*. Bauru: EDUSC, 2001. p.89-90.

demonstra infinito em suas possibilidades de criar obras inimagináveis, o *homo faber* parece também conseguir incentivar a compra de todo tipo de utensílio cuja própria utilidade é totalmente questionável. Esta questão é uma interpretação a partir da obra de Hannah Arendt, não sendo exatamente posta por ela, mas de certa forma implicitamente enunciada em suas investigações em *A Condição Humana*.

O fato é que todo este processo fora desencadeado através de eventos da história. Arendt enunciará os seguintes como potenciais responsáveis: A descoberta da América, A Revolução Americana, a dúvida cartesiana, a invenção do telescópio e mais recentemente a invenção do avião e da bomba atômica. Todos são eventos que marcam a modernidade e a era contemporânea. Em sua incessante busca por significado, a autora judia-alemã irá refletir sobre tais acontecimentos atribuindo-lhes algum sentido. A própria concepção de mundo moderno, para Arendt, surge a partir desses eventos.

A ciência moderna, fruto direto da dúvida de Descartes, é o evento que marca o surgimento da era moderna para Hannah Arendt. Ela discorda que Descartes tenha sido o seu marco fundador e coloca a idéia de ciência natural como o marco distintivo entre a modernidade a idade média. A nova forma de se fazer ciência corrobora a ideia de processo e de que só é possível conhecer aquilo que se fabrica. O *homo faber* com seus instrumentos contesta grandes verdades da época, como a falácia de que o sol gira em torno da Terra. Tal descoberta só foi possível com a invenção de novos instrumentos capazes de ampliar os sentidos, revelando novas verdades, contestando velhas ideias. Com a invenção do microscópio a falácia de que a vida poderia surgir do nada também caiu por terra. O grande sentido dessa reviravolta na maneira científica de pensar é que ao invés de ser um mero observador, o cientista passa a ser um agente na obtenção de conhecimento.

O advento da dúvida cartesiana junto ao que Kant, não sem razões, chamou de revolução copernicana, contribuíram para o surgimento desse novo modo de fazer

ciência. A mesma inquietação que move Kant a escrever sua Crítica da Razão Pura tentando estipular limites para o conhecimento humano move Arendt em sua tentativa de estabelecer uma ruptura com um *modus operandi* anterior. A invenção do telescópio, para além da evidente valorização da instrumentalidade das ciências, lança o homem para uma dimensão fora da Terra¹⁸¹. O universo passa a ser encarado como uma área relevante de investigação cuja valorização só pode ser equiparada à astronomia das civilizações antigas. A diferença é que não havia instrumentos na antiguidade para obtenção de dados precisos. Tal fato era a evidência de que se podia duvidar inteiramente dos sentidos para apreensão da verdade, uma vez que eles haviam falhado ao estipular diversos preceitos aceitos até então. A problemática ocorre quando se abstém de estipular uma relação com o mundo que é mediada pelos sentidos. É verdade, de fato, que os sentidos podem ser enganados e ludibriados, mas ao invés de repensar a dúvida e os equívocos dados e assim tentar uma espécie de religação purificada com o mundo, o homem decidiu por alienar-se em si mesmo, ou no moderno conceito de ciência como seu fabricante profissional.

A alienação do sujeito em si mesmo, posto que a dúvida cartesiana impunha na realidade do mundo uma fragilidade em sua possibilidade, em detrimento do mundo das relações humanas solidificou uma mudança do âmbito da Ação. O âmbito agora passa a ser a ciência só que de forma previsível, cíclica e teleológica. Uma vez que fica estipulado que só é possível conhecer aquilo que o próprio homem fabrica se torna fácil entender o porquê da ascensão desta maneira de pensar e por quê ela inaugura uma nova forma de relação com as coisas do mundo. A própria realidade do mundo é posta em dúvida e pareceu prudente naquele tempo indagar se havia de fato um mundo¹⁸². Esta indagação promove um verdadeiro niilismo de sentido no que tange os assuntos humanos e sua crescente desvalorização devido a sua imprevisibilidade ou mesmo a relevância da sua existência.

¹⁸¹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p.343.

¹⁸² ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p.345.

O desvelamento do espaço sideral e o tamanho infinito de sua dimensão contribuem também para pensar as questões humanas como pequenas. O padrão cósmico utilizado nesse pensamento se encontra aliado ao padrão cosmológico das verdades eternas dadas pelos axiomas da razão obtidos somente em uma alienação na própria subjetividade da razão. O homem moderno se encontra num impasse entre o uso de sua faculdade racional subjetiva ou a experimentação como domínio prevalecente daquilo que se chama ciência natural. Nada poderia ter contribuído melhor para total ruína da relevância da política na modernidade, reduzindo a expressão ao entendimento de formas de poder e organizações estatais, ou mesmo a ideia de contrato encontrada tanto em Hobbes quanto em Rousseau.

Já no século XX a invenção do avião fez com que fosse possível observar a Terra através de uma perspectiva nunca antes vista, as recentes viagens espaciais e as fotografias retiradas por satélites reforçam a mesma impressão. Agora é possível ser espectador do mundo estando ao mesmo tempo fora dele. O observar aqui acaba por ser de um mero espectador e não de um dos atores/agentes de uma peça/espetáculo. Essa maneira de pensar que Hannah Arendt credits a Kant que acompanha com entusiasmo a Revolução Francesa como espectador passivo é ainda mais perigosa. É uma espécie de "ver no que vai dar" que só encontra respaldo no homem da sociedade de massas apartado de seu senso comum, de seu espaço de convivência onde feitos e palavras podem emergir através de uma Ação e narrar uma estória posterior e iniciar um nova cadeia de causalidades.

A bomba atômica parece ter sido a invenção mais engenhosa do *homo faber*. Nela fica exposto o seu domínio sobre a natureza, seja por criar uma força inimaginável, seja por criar um artefato com poder destrutivo capaz de corromper todo o planeta. Não é necessário apelar para a evidência empírica e a memória de Hiroshima e Nagasaki como testemunhos do potencial destruidor da arma atômica. Contudo, o mais aterrorizante não foi sua fabricação em si, mas a legitimação do seu uso. Somente uma sociedade onde

a vida humana parece ter perdido todo sentido pode autorizar matanças nesse grau.

Outro evento é característico da modernidade: A descoberta da América e a Revolução Americana. A sociedade norte americana em sua colônia de povoamento instaurou pela primeira vez na história uma sociedade onde não havia miseráveis totalmente a mercê da necessidade. Evidentemente havia pobres, mas não constituíam uma massa de famintos como na Revolução Francesa. O mundo parecia olhar pela primeira vez para uma utopia almejada há muito¹⁸³. Tal evento aliado a crescente desconfiança de um mundo porvir onde todo o sofrimento ocorrido seria compensado, culminou para elevar os valores do *animal laborans* a um patamar jamais antes visto. Sobreviver nunca foi tão interessante. A perpetuação da vida, e não uma boa vida no sentido aristotélico, a ausência das duras penas causadas pela fome, o conforto prevaleceram a partir da modernidade em detrimento dos próprios valores do *homo faber*.

A derrota do *homo faber* diante do *animal laborans* na modernidade se deu dentro do contexto de uma sociedade de valores cristãos. O declínio da fé e sua sacralidade junto aos eventos da secularização (as revoluções) corroborou a ideia da vida como um bem supremo. E a vida aqui é a individual, não a do corpo político que pode garantir a liberdade de uma sociedade. A dúvida na vida porvir que ocorreria na ausência de pecado e na morte passam a ser deixadas de lado em detrimento da imanência. A vida na Terra era apenas o começo da vida eterna, mesmo que uma parcela sofrida de todo esse fenômeno considerado eterno na concepção cristã. A vida na Terra passa a ser o bem supremo do homem.

O mundo passou por um processo de perda de sua estabilidade e a vida individual voltou a ser mortal conforme era na antiguidade. A distinção primordial entre a imortalização antiga era que esta se dava através de feitos e ações gloriosos por si

¹⁸³ ARENDT, Hannah. *Sobre a Revolução*. São Paulo: Companhia das letras, 2014. p.50.

mesmos¹⁸⁴, enquanto na era medieval até a modernidade isso se daria na ideia de salvação de almas. São duas concepções distintas de imortalidade, a primeira se dá através da memória, a segunda pela crença carregada de ideais metafísicos. Ao perder a crença do mundo futuro o homem alienou-se em si mesmo, em sua própria necessidade, numa espécie de sobrevida onde o que interessa é o conforto e a garantia de abundância.

Todos os eventos anunciados contribuem para a concepção arendtiana de mundo moderno, a reviravolta na hierarquia tradicional da *vita activa*, entre contemplação e ação e posteriormente entre Labor e Obra. A recente transformação da sociedade de trabalhadores (laboradores) em sociedade de empregados é a consequência atual do desdobramento de todos esses eventos. A diferença entre emprego e labor recai sobre a possibilidade de geração de renda e de fazê-la circular dentro do sistema econômico capitalista baseado no consumo de bens de uso. A sentença contraditória entre bem de uso e consumo já foi trabalhada anteriormente, mas nos é interessante retomar a relação estabelecida. As obras não são mais fabricadas como utensílios uteis a vida e a estabilidade do mundo, e devido a abundância adquirida do próprio desenvolvimento de tecnologias de fabricação, elas se tornam tão fúteis como bens de consumo. Obviamente não são consumidas em sentido estrito, são usadas e descartadas após perderem sua utilidade primária.

3. Conclusão

Na clássica cena do filme *Charlie and the Chocolate Factory*, crianças entram em um paraíso onde tudo é feito de doces, portanto, potencialmente consumível. A destruição do ambiente não demora a acontecer culminando em um dos personagens afogado num

¹⁸⁴ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013. p.72.

rio formado por cauda de chocolate. Parece ser este o estado em que se encontra o homem contemporâneo. A imagem de um mundo inteiro a ser consumido e portanto destruído nunca pareceu tão real. As crescentes pesquisas que tendem ao fim de conseguir um jeito de transformar Marte em uma segunda Terra são a evidência de que este mundo é perecível, não naturalmente, mas pela própria ação do homem sobre ele. Este evento só pode estar ocorrendo em uma sociedade cada vez mais apartada de um assunto primordial que é o próprio mundo comum. Ele perdeu a importância, embora isto pareça inconcebível ao pensamento.

Conforme já vimos o consumo é uma das facetas do processo da atividade do Labor, e não um processo iniciado cujo fim é imprevisível, mas um processo cíclico e interminável¹⁸⁵. Neste sentido é possível não só prever o que será consumido em breve, mas como incitar o desejo sobre o que consumir. O estímulo ao consumo através da propaganda é um fato incontestado. Não obstante, o vocabulário utilizado pela indústria, tendência de consumo, parece carregar toda a evidência necessária para formular uma linha de raciocínio entre consumo e padrão. A própria etimologia do termo tendência carrega a ideia de direção; um apontamento para onde o rumo das coisas segue impelidos por alguma força. Ao utilizar o metabolismo a seu favor, a indústria parece ter conseguido atingir o ponto certo. Claro que isto só foi possível devido a toda uma cadeia de eventos que corroborasse esse sentido. Nada mais é do que o velho ideal de uma vida abundante e ausente da necessidade, das penas duras incididas pelo trabalho e seu desconforto.

A tentativa de fuga da necessidade nunca esteve tão presente. O mais estranho é pensar que ela está distante da realidade vivente. Não fosse o apetite voraz e insaciável do *animal laborans*, uma característica inata de sua natureza, relacionados à abundância da

¹⁸⁵ LENZ, Claudia. *The End or the Apotheosis of "Labor"? Hannah Arendt's Contribution to the Question of the Good Life in Times of Global Superfluity of Human Labor Power*. Hypatia Journal, Bloomington v. 20, n. 2, p. 142, Spring, 2005.

produção de obras esta realidade não seria possível. Ainda encontramos na própria estrutura econômica capitalista e sua evidente capacidade interminável de expansão, que, aliás é condição para sua própria sustentação junto ao cordão de explorados para produção industrial, uma contribuição extra ao estado atual das coisas. A falsa felicidade produzida pelo consumismo é duplamente perigosa, não por ser efêmera, até porque a própria vida o é, mas por corromper aquilo que permite a própria existência humana e da infinidade de espécies que habitam este planeta. Mais perigoso ainda é saber que esta forma de relação com as coisas se sustenta pelo próprio caráter processual de seu desenvolvimento. Ao que parece nunca estivemos tão presos, em um ciclo sem fim de compra e consumo e tão alienados ao ponto de não enxergar no Labor de nosso corpo, fabricado agora por nossas mãos como o artifício humano, como algo do âmbito do necessário. Apesar da abundância, a necessidade continua sendo um grilhão que pesa de uma outra forma. Na tentativa de sua fuga o que se encontrou foi exatamente o oposto. Nada poderia ser pior, uma vez que alienou-se do mundo comum no indivíduo e em direção a sua própria sobrevivência.

Bibliografia:

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- _____. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- _____. *Entre o Passado e o Futuro*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.
- _____. *O que é política?*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- _____. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- _____. *Sobre a Revolução*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- _____. *The origins of totalitarianism*. Nova Iorque: Harcourt Brace & Company, 1979.
- BIGNOTTO, Newton; MORAES, Eduardo Jardim. *Hannah Arendt: Diálogos, Reflexões, Memórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LENZ, Claudia. *The End or the Apotheosis of “Labor”? Hannah Arendt’s Contribution to*

the Question of the Good Life in Times of Global Superfluity of Human Labor Power.

Hypatia Journal, Bloomington v. 20, n. 2, Spring, 2005.

VELTMAN, Andrea. *Simone de Beauvoir and Hannah Arendt on Labor.* Hypatia Journal, Bloomington v. 25, n. 1, Winter, 2010.

WAGNER, Eugênia Sales. *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros escritos sobre a opressão.* Org. por Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WEIL, Simone. *Opressão e Liberdade.* Bauru: EDUSC, 2001.